

REDAÇÃO

Eva Brasil

Ledi Gamba

Maria de Lourdes Rosa

Miriam Motta

QUEM TEM MEDO DE REDAÇÃO?

Dando uma demonstração de que a Academia Brasileira de Letras defende a cultura, embora sob certos aspectos, bem se tenha tornado inoperante, ela tomou a si a defesa da "redação", prova afastada do curriculum exigido para a entrada nas universidades. Desde anos que este afastamento tem sido clamoroso e mais e mais as novas gerações se afastam do saber escrever corretamente, pois são tantas as matérias exigidas que aquelas postas à margem não têm do aluno, geralmente, o interesse requerido. Dou parabéns a Austregésilo de Athayde, embora tenha sido ele o que colocou as trancas à porta da Academia, para as mulheres — contra o que me levanto permanentemente, sem sentido pessoal. Acho, como ele, mínima a exigência de uma prova de redação para quaisquer que venham a ser as futuras profissões dos alunos. Infeliz é a nossa língua, marginalizada a ponto de que não saber redigir seja perfeitamente aceito, pois existem "matérias mais importantes". Parece que, desde o primário, sabemos que o mais requerido é saber "ler, escrever e contar". Meu Deus do Céu, onde irá parar uma nação cujos líderes não saibam redigir? Creio que isto vem — esta aberração — da dificuldade das provas feitas em programas nacionais. Mas, assim mesmo, ainda que as "cruzinhas" permaneçam, poder-se-ia garantir uma exceção, que seria a prova sobre a qual repousa a base da cultura nacional: "escrever com acerto, saber redigir". Não me conformo com que se construa um Brasil, aparentemente em progresso em sua educação e em sua cultura, mas com esta falha tão dura de vir a ser aceita: a do moço ou da jovem incapazes de redigir uma carta, sequer, sem cometer graves erros; impossibilitados de construir, dentro de suas especializações, relatórios em linguagem aceitável; escrevendo com erros grosseiros, defesas ou

acusações de advogados e, até, indo para a política a carecer da necessidade de que se lhes façam os discursos, pois então já terá sido muito tarde para aprender a "redação". Faço um apelo, como escritor, em nome do sacrifício de nossas gerações e de outras que nos antecederam, para que este ponto venha a ser encarado como básico, impossibilitado e fechado o caminho de infelizes formandos que não sabem, sequer, mandar uma carta bem feita à namorada. Uma nação que despreza sua própria língua bem se torna vítima da intrujice de uma linguagem que já não é mais nossa. Já estamos habituados e seguimos, sem o sentir, anglicismos e outras tolices como aquela, em que toda gente fala em "papers", em lugar de relatórios ou, simplesmente, de "papeléis". Pois é, Sr. Ministro Ney Braga, que tão bem recebe os escritores, o mínimo que se pode dar à nova geração é a sua continuidade no jornalismo, nas letras e na vida comum em que as pessoas até recentemente possuíam regular nível de conhecimento na mais comum das atividades humanas: "ESCREVER".

Dinah Silveira de Queiroz
(Correio do Povo, 14/10/75)

INTRODUÇÃO

O momento atual é vivido com pressa e agitação e a preocupação em ganhar tempo se reflete em todos os setores da vida humana, principalmente na comunicação oral e escrita, onde os gestos, "slogans" e as frases curtas são planejadas para — com maior economia de tempo e espaço — provocar maior impacto e facilitar a memorização.

Num mundo onde as relações humanas são aceleradas pela técnica e progresso, é difícil ao homem parar para pensar: "Pensar é o ato que permite criar idéias, organizá-las, combiná-las e, posteriormente, transmitir esses conceitos através da expressão oral e escrita".

Organizar o pensamento é condição básica para redigir, de maneira concreta e adequada. Em vista disso, é grande a preocupação dos professores de 1.º e 2.º Graus com o ensino da redação, tendo em vista as dificuldades em desenvolver o raciocínio do aluno, seus conhecimentos gramaticais, estilo, etc. . .

Segundo Buffon, escrever bem é: "Pensar bem, isto é, meditar o assunto, estudá-lo e compreendê-lo nas suas variadas faces; é ruminá-lo, assimilá-lo, torná-lo familiar." Sentir bem. Para sentir o assunto, a condição indispensável é "amá-lo", porque o que se ama gera sentimento, sensibiliza; "é comover-se" diante dele como na presença de um painel artístico. Para isso, importa não se figurar que o assunto é difícil ou pouco interessante e destruir qualquer antipatia que se lhe note. — Expressar bem o assunto é "externá-lo" com palavras próprias e convenientes as idéias que

encerra. Portanto, escrever bem, conclui Buffon, é "possuir simultaneamente espírito, alma e gosto, condições da composição literária".

Das palavras de Buffon, e tantos outros autores, pode-se deduzir que não é fácil escrever bem. Escrever bem resulta de um aperfeiçoamento constante, de um aprendizado onde as qualidades inatas (inteligência, memória, criatividade, etc...) poderão ser ampliadas em maior ou menor quantidade.

Treinar o aluno para escrever bem será, sempre, a tarefa essencial do professor de ensino da língua.

O objetivo deste trabalho é: a partir do material consultado e das experiências obtidas em sala de aula, elaborar um roteiro de sugestões, visando, com isso, a melhorar o ensino e prática da redação.

1 — ASPECTOS TEÓRICOS

Serão abordados os conceitos dos seguintes autores:

1.º — Volmyr Santos e Adão E. Carvalho.

Segundo esses autores, a teoria sobre a redação apresenta as seguintes situações:

1.º — **Composição:**

Tipos de Composição:

- a) a composição expositiva: consiste na exposição de uma emoção ou idéia;
- b) composição representativa: a visão de um mundo do artista e representada pelos personagens. Prevalece o diálogo;
- c) composição exposição-representativa: soma da exposição e do diálogo. São feitas referências sobre pessoa, tipo e personagem, destacando as diferenças existentes entre eles.

Pessoa

É a criatura humana com características físicas e psicológicas.

Tipo

É o indivíduo com características que o distinguem entre seres iguais ou da mesma espécie.

Personagem

A personagem tem sentido particular, especial, exclusivo. É mais complexa que o tipo, pois está mais próxima da pessoa na estrutura.

Descrição

Corresponde à representação verbal de um objeto, de uma paisagem, de um ser ou uma cena.

A Descrição pode ser apresentada sob duas formas:

Descrição subjetiva

Quando há a apreensão da realidade interior, ou seja, o objeto, a cena, a paisagem são transfigurados pela emoção de quem escreve.

Descrição objetiva

Fixa o mundo exterior o qual é apresentado como ele é, concretamente. A Descrição pode enfatizar:

- a) tipos;
- b) paisagens, cantadas ou sentida;
- c) ambientes — assinalar traços típicos, distintivos.

Descrição Técnica

Contém muitas características da descrição subjetiva, no entanto a descrição técnica preocupa-se com a exatidão dos pormenores e a sobriedade da linguagem. Deve traduzir objetividade através de:

- a) uma exposição em ordem cronológica;
- b) uso de linguagem denotativa (as palavras devem ter valor real e concreto);
- c) detalhes;
- d) indicação lógica das frases de um processo.

Narração

A narração tem como matéria o fato.

Basicamente, a narração está presa à nossa vida, pois sempre temos algo a contar.

A narrativa impõe certas normas:

- 1 — a personagem (protagonista e, às vezes, o antagonista);
 - 2 — o ambiente: o lugar onde ocorre o fato;
 - 3 — o momento: o tempo da ação
- Ordenando — fato — o quê?
Personagem — quem?
Ambiente — onde?
Momento — quando?

Narração subjetiva

Assim denominamos a narrativa que prescinde de elementos objetivos. O tipo de narração tradicional que, para efeitos didáticos, chamaremos de subjetiva.

Narração objetiva

Consiste em apresentar os fatos como eles verdadeiramente ocorreram. São acontecimentos reais. Narração também envolve descrição.

Dissertação

A dissertação é o trabalho escrito no qual o assunto é examinado, discutido e interpretado.

A Dissertação exige um esquema de trabalho, sua organização divide-se em três partes principais:

- a) apresentação do assunto;
- b) desenvolvimento;
- c) conclusão.

A Dissertação pressupõe exame crítico, raciocínio, objetividade.

A ARGUMENTAÇÃO

A Argumentação é um tipo de trabalho escrito que se desenvolve a partir de temas de natureza polêmica.

A Argumentação visa à discussão; procura convencer, influenciar, formar a opinião do leitor.

Estruturação da Argumentação:

- 1 — apresentação do assunto (introdução);
- 2 — desenvolvimento, mediante formulação de argumentos;
- 3 — a conclusão, que consiste numa tomada de posição.

Outro aspecto importante para a redação, e que é abordado pela totalidade de gramáticos, é o que diz respeito à importância da leitura.

(Comentário de Mattoso Câmara).

DEFEITOS DA REDAÇÃO

Quanto ao aspecto:

- deixar de observar a margem de 4 cm à esquerda e 1,5 cm à direita da página;
- não dar espaço de uma linha em branco após o título;
- deixar de separar as diferentes idéias em parágrafos distintos;
- redigir com má caligrafia;
- fazer rasuras e emendas no texto;
- quanto à forma;
- quanto ao conteúdo;
- quanto à harmonia;
- quanto à clareza;
- quanto à concisão;
- quanto à precisão;
- quanto à correção.

2.º — Joaquim Mattoso Câmara Jr.

Este autor apresenta a redação com as seguintes características:

1 — Condições da redação:

Redação é uma arte de escrever.

O que há de comum entre a exposição oral e a escrita é a necessidade da boa composição, isto é, uma distribuição metódica e compreensível das idéias, um objetivo definido.

Não há um jeito especial para a redação, ao contrário do que muita gente pensa. Há, apenas, uma falta de preparação inicial que o esforço e a prática vencem.

A arte de ESCREVER precisa assentar, analogamente, numa atividade preliminar já radicada, que parte do ensino escolar e de um hábito de leitura inteligente, conduzido; depende muito, portanto, de nós mesmos, de uma disciplina mental adquirida pela autocrítica e pela observação cuidadosa do que outros com bom resultado escreveram.

PROBLEMAS DA REDAÇÃO

Os problemas da redação dividem-se primariamente em dois grupos: os **essenciais** e os **secundários**.

- PROBLEMAS ESSENCIAIS:
- (a) a composição, isto é, o plano da redação;
 - (b) a técnica de uma formulação verbal que dispense os elementos extralingüísticos e os elocucionais, só participantes da exposição oral.

PROBLEMAS SECUNDÁRIOS: (São os que surgem dos caracteres estéticos da língua escrita.

O PLANO DE UMA REDAÇÃO

1 — Considerações Gerais

1 — Objetivo deste Capítulo

Não é possível ensinar a composição por meio de regras que bastem mecanicamente aplicar. O plano da redação é inerente à capacidade do expositor e ao seu domínio do assunto; depende, antes de tudo, desses dois fatores.

Pode-se, porém, dar uma orientação às pessoas capazes e conhecedoras do que vão tratar, mas desarmadas diante da exposição escrita pela falta de uma boa preparação na técnica deste tipo de linguagem.

2 — Necessidade de um esquema

Não é suficiente conhecer bem um assunto, que é sempre coisa muito ampla e suscetível de ser considerado de vários pontos de vista.

É preciso fixarmo-nos num determinado aspecto e trazer todos os outros, de que também queremos trabalhar, para o feixe luminoso assim formado. Do contrário, faltarão unidade e organização ao nosso trabalho; faremos uma espécie de dicionário enciclopédico com verbetes desarticulados entre si.

Tem-se, preliminarmente, de focalizar o assunto, examinando-o por um determinado ângulo. Com isso, tomamos uma orientação e temos uma linha diretriz diante de nós.

O esquema tende, portanto, a ser um conjunto de chaves, à maneira dos chamados quadros sinóticos: divisões primárias, subdivididas em outras secundárias e assim por diante.

3 — Finalidade do esquema

Para um trabalho escrito, a divisão do assunto se apresenta como um esquema. Este esquema é feito para auxiliar e encaminhar o trabalho e não deve transformar-se num impecilho da atividade mental subsequente.

O esquema ficará ao nosso lado com um simples ponto de referência, sempre sujeito a alterações, interpolações e reduções durante todo o correr do nosso trabalho. É por natureza um instrumento provisório e precário.

A REDAÇÃO DEFINITIVA

1 — Desenvolvimento do Esquema

Para um trabalho escrito, a divisão do assunto se apresenta com muita maleabilidade e muitas possibilidades de tratamento. Não obstante, persistem, grosso modo, os quatro tipos gerais de divisão que depreendemos para uma exposição oral: **Cronológica**, **Lógica**, **Psicológica** e **Dramática**, para manter as denominações então sugeridas.

O trabalho da redação obedece, assim, ao modelo dos círculos concêntricos: do esquema passa-se para o rascunho, do rascunho para uma redação propriamente dita e esta, ampliada e trabalhada paulatinamente, chega a uma forma definitiva.

RESTA ALUDIR RAPIDAMENTE À APRESENTAÇÃO GRÁFICA DA EXPOSIÇÃO

A sua importância é maior do que poderia parecer à primeira vista, porque a distribuição do texto no papel concorre para tornar a leitura mais fácil e mais atraente.

De um modo geral, a maioria dos autores que se aplicam à metodologia da redação preocupam-se, quase exclusivamente, com a expressão escrita e com a necessidade de dar ao aluno condições para melhorá-la.

Segundo alguns teóricos do assunto, é importante observar, quando se pretende levar o aluno a um melhor desempenho na expressão escrita, os seguintes aspectos:

— a adequação do tema proposto para redação ao nível mental e aos interesses dos alunos. A escolha do tema deve corresponder a uma necessidade intelectual ou afetiva do aluno, precedida por um trabalho prévio de informação e discussão; o critério de escolha deve ser o de preferência individual do aluno;

— a necessidade de criar entre o aluno e a atividade da redação um relacionamento capaz de liberar a espontaneidade do aluno;

— a importância de uma correção "aberta" que aceita soluções expressivas, insólitas e originais;

— a observação da realidade, isto é, recomenda-se o contato direto ou indireto com a realidade a ser descrita que pode se realizar através de um levantamento de material (livros, revistas, dicionários, enciclopédias, etc...);

— a recomendação de exercícios de leitura, orientando a redação, "aprende-se a escrever pela imitação de quem escreve bem", isto é, a linguagem específica de um escritor que deve guiar o exercício da redação;

— a prática da expressão escrita com a "finalidade de capacitar o aluno a transmitir seu pensamento de maneira correta e agradável" (Judith Brito de Paiva Souza — Didática do Português no Curso Secundário, 3. ed., Rio de Janeiro, Aurora, 1969, p. 162), isto é, o aluno deve reproduzir com clareza a concatenação lógica do pensamento e deve utilizar termos que o exprimem de maneira apropriada.

Esses aspectos são comentados por Emile Genouvrier e Jean Peytard em sua obra "Linguística Aplicada ao Ensino do Português", onde os autores procuram levar o problema da redação para o terreno da linguística. Para os autores citados, "escrever significa defrontar-se com a linguagem em sua materialidade".

"(...) escrever é empenhar-se na língua, penetrar nas malhas múltiplas de um código que, passivo, impõe sua complexidade".

Não só a espontaneidade, a criatividade, mas a orientação dada ao aluno para utilizar o código da língua e escrever é muito importante. Ainda que o aluno escolha livre e espontaneamente o assunto e o momento da redação, sentirá, ao redigi-la, que o instrumento a utilizar tem sua própria inércia e não se presta tão facilmente aos caprichos de sua fantasia solta. Aqui é necessário o conhecimento do léxico, semântica e sintaxe da língua que o aluno deve reconhecer para dominar.

Por outro lado, a adesão realista às coisas é posta como condição e como guia de boa expressão escrita. Essa preocupação indica a falta de conhecimento real da língua. "Só se chega às coisas atravessando a linguagem" e a expressão correta e precisa não é provocada mecanicamente pela observação.

"O movimento do pensamento existe, quase independentemente e, à espera de que as palavras venham revesti-lo para dar-lhe boa e justa aparência. O pensamento é conteúdo, a língua é forma."

Quanto à leitura, é um auxílio indispensável da redação, mas não é o suficiente e, muitas vezes, poderá, em vez do estímulo, provocar inibição no aluno.

Quando o aluno lê os grandes escritores poderá apenas reter a história ou encantar-se com a maneira especial como o autor a conta sem, contudo, melhorar seu estilo ou tentar repetir a lin-

guagem do autor, um universo estranho onde tudo é mais belo, mais perfeito do que a sua realidade.

A atenção do mestre, na maioria das vezes, é desviada para a psicologia, a lógica, a realidade das coisas, a literatura e nem sempre esses aspectos poderão fornecer resultados efetivos na redação. Embora seja importante provocar disposições favoráveis para com a língua escrita, isso não é o suficiente.

O essencial para o mestre é refletir sobre a realidade da língua, na ordem do oral e do escritural; é poder descobrir os meios de ensinar a expressão, de alcançar o "domínio de estilo" não pelo simples uso da imitação, mas aprofundando o conhecimento das funções e do funcionamento da língua.

2 — OS MANUAIS DE REDAÇÃO

O objetivo dos manuais de redação, de um modo geral, é ensinar o estudante a desenvolver sua capacidade de raciocínio e servir-se do seu espírito de observação para colher impressões e formar juízos, descobrir idéias para ser, tanto quanto possível, exato, claro, objetivo e fiel na expressão de seu pensamento.

Assim, o manual pretende "ensinar a estruturar uma frase partindo de idéias, não de palavras".

A maioria dos manuais de redação apresenta uma relação de itens onde se apontam defeitos ou pontos importantes na elaboração da redação. Esses se apresentam como passos a seguir ou não, quando se faz uma composição. Os aspectos teóricos, embora orientem o aluno, em alguns pontos básicos, não dão condições seguras à prática da redação, que deveria "ser conduzida".

Modelos de descrição e narração podem levar o aluno, simplesmente, a uma cópia do texto, impedindo sua manifestação espontânea; é necessário que o aluno "crie" seu estilo.

A leitura será sempre aconselhável, mas é preciso também uma série de exercícios que prepare e encaminhe o aluno à elaboração do texto.

São poucos os manuais que se dedicam exclusivamente ao ensino da redação; dentre os livros dedicados ao assunto, e já bastante difundidos, o livro "Redação Escolar", de Samir Mesarani Curi, é o que mais atende aos aspectos de elaboração e criatividade do aluno.

Para Samir M. Curi, redigir resulta de um aprendizado, de uma capacidade a ser desenvolvida. Em alguns casos, o ato de escrever pode ser um fator de inibição, de bloqueio de idéias, pois criar implica desejo e risco. Todos temos desejo e medo e aquele que cria tem que ter coragem e abertura para o ato inovador da criação.

O referido autor, em sua obra, desenvolve um processo que leva o aluno a criar. Apresenta-o em duas fases:

1.ª fase: expressão de linguagem — são oito aulas onde a preocupação maior será o texto. Você não terá nota ou crítica e só lerá se quiser. Nesta fase, a preocupação maior é a relação do sujeito (você) com o ato de escrever. Você aprenderá a escrever solto e espontâneo, desinibido e fluente, tudo o que pensa e imagina, sem censura exagerada. Fará pequenos textos só para comunicar o resultado do trabalho, não para avaliação, mas para satisfação de enfrentar e realizar um trabalho criativo.

2.ª fase: organização do texto — seu pensamento criativo, mais livre e espontâneo, será encaminhado para a realização de textos melhores, em doze aulas. Aqui, embora você continue fazendo exercícios de fluência e desinibição, a redação escolar é o centro dos exercícios. Será avaliada com critérios. Você será criador e crítico. Resumindo: em duas fases, o sujeito que escreve (autor) e o produto de sua criação (obra), estarão sendo vistos — com maior ênfase — o sujeito na primeira e a obra na segunda. Este manual está sendo muito usado pelos professores que, de um modo geral, obtêm resultados gratificantes na sua aplicação.

3 — LEVANTAMENTO DE SUGESTÕES

Partindo de considerações dos autores consultados para a elaboração deste trabalho, somados à experiência que a sala de aula nos oferece, chegamos a um levantamento de sugestões visando a melhorar o ensino da redação.

Procuramos, de um modo simples e prático, elementos que facilitarão o trabalho do professor, proporcionando ao aluno melhores condições de aprendizagem.

Consideramos válidos, no ensino da Redação, os seguintes critérios:

— **Escolha do Tema:** o critério de escolha deve ser sempre da preferência do aluno, do seu desenvolvimento mental e emocional e de seus interesses preponderantes.

Há alunos que se sentem indecisos quando o tema é de escolha livre; nesses casos, o professor pode apresentar uma listagem de títulos de interesse geral, dentre os quais o aluno escolherá a seu gosto.

Os temas mais indicados são os do cotidiano.

— **Conhecimento da língua:** sabendo-se que o ensino da língua se apresenta sob três formas: prescritiva, descritiva e produtiva (Halliday et alii, 1971, p. 260).

Não se pode dispensar sua utilização, pois se o prescritivo visa a ensinar o aluno a mudar seus padrões lingüísticos, se o descritivo mostra como funciona o sistema da língua, conseqüentemente são elementos indispensáveis para o ensino produtivo que se interessa pelos desempenhos mais eficientes dos padrões já adquiridos e procura ampliar as potencialidades da língua nas várias situações em que o educando tem necessidade delas. Para

treinar o aluno no desempenho da língua, é interessante o seguinte desenvolvimento: no início do primeiro grau será facultado ao aluno a liberdade de escrever tudo aquilo que lhe vier à mente, após, com um detido exame, o professor lhe entregará o caderno para que o mesmo, a partir da leitura atenta, aprenda a corrigir-se.

Esses elementos lançados livremente ao papel pelo aluno, poderão, numa outra etapa, ser ordenados com lógica, procurando uma possível relação ou dependência entre eles.

— A partir dos temas escolhidos, a elaboração de períodos curtos que poderão ser alterados caso necessitem de uma melhor elaboração, maior clareza, emprego correto dos termos (gráfica e semanticamente).

— A organização de períodos curtos ou longos, utilizando os aspectos conotativo e denotativo dos termos, ampliação de períodos, empregando termos que anulem a ambigüidade e incoerência de certas frases.

— **Quanto à leitura** — partindo dos hábitos de leitura do aluno, o professor iniciará com leituras que sejam adequadas e, ao mesmo tempo, coerentes com os objetivos propostos pelo curso. Após o aluno identificar que a leitura de aula pode ser agradável, o professor irá ampliando, gradativamente, a variedade de obras conduzindo a leitura para a aprendizagem efetiva do idioma.

— Tendo em vista a dificuldade da maioria dos alunos em adquirir livros, uma solução prática seria a compra dos mesmos, em número suficiente para toda turma, a fim de que toda a turma pudesse ler ao mesmo tempo a mesma obra (posteriormente poderia ser mantido intercâmbio com outras turmas). Após a leitura, estabelecer uma discussão onde toda a turma participasse, esclarecendo dúvidas, examinando o vocabulário (regionalista, grupal, culto, informativo, etc.), organizando frases comentando as idéias do autor.

Paralela a esta atividade, a leitura para recreação, feita individualmente pelo aluno, serve para ampliar a cultura geral do educando.

— Um grande problema encontrado em sala de aula é a preferência pelos alunos, principalmente do segundo grau, por obras traduzidas. Na maioria das vezes, esta tradução não é bem feita, o que prejudica o trabalho do professor (no que se refere à organização de períodos, à utilização de vocabulário adequado, etc.). É importante frisar que o professor deve insistir na leitura de obras nacionais, cujo acervo é rico, mais de acordo com a nossa realidade, escritas com uso correto da língua e que darão melhores condições ao aluno para dedicar-se à leitura de obras estrangeiras.

Outro aspecto que se deve salientar em relação à leitura é que muitas vezes a leitura de grandes escritores, ao invés de estimular, pode levar o aluno a se sentir incapaz de realizar algo semelhante. A escritura literária pode impressioná-lo, pelo seu vi-

troso e perfeição, mas pode deixar no aluno a sensação de que o estilo é propriedade de alguns seres especiais e que permanecem sempre fora de seu alcance.

Cabe ao professor orientar na realidade da língua o aluno, tanto oral como escrita, fazendo-o concluir que o conhecimento das funções e funcionamento da língua lhe darão condições de firmar o seu estilo.

QUANTO AO VOCABULÁRIO:

A finalidade de todo o ensino do vocabulário é enriquecer quantitativa e qualitativamente o léxico individual do aluno (GENOUVRIER & PEYARD, p. 337, *Linguística e o Ensino do Português*) essa aquisição se fará sobre uma base oral ou escrita, distinguindo dois níveis: o uso comum e o texto literário. No primeiro grau, os alunos são colocados alternadamente diante dos exemplos tirados da linguagem oral e dos textos do livro de leituras; no segundo, de trechos "escolhidos" do programa de literatura. O nível dos alunos e o tipo de discurso analisado determinam a orientação da aula do vocabulário: não se estuda o vocabulário de um autor, da mesma maneira que o vocabulário usado na hora do recreio. É importante que o aluno consulte gramáticas, dicionários e aplique essas informações em exercícios tais como:

— estudo de palavras e expressões: substituição das palavras grifadas por sinônimos;

— palavras cruzadas;

— levantamento das palavras junto a grupos de jornalistas, advogados, esportistas e outros, com a finalidade de identificar os aspectos semânticos dos termos técnicos usados nessas profissões;

— relacionar as colunas conforme o sentido (antônimos ou sinônimos);

— uso da conotação e denotação e seu emprego nos vários contextos;

— relato de uma experiência ou fato (oral ou por escrito);

— comparação de palavras usadas e seus diferentes significados nos vários contextos;

— elaboração de um glossário.

O vocabulário deve ser ampliado sempre a partir do contexto onde o termo está inserido, pois o sentido das palavras não é independente das construções gramaticais em que elas podem intervir.

QUANTO AO PLANEJAMENTO:

O plano de uma redação varia segundo o gênero da composição (narração, dissertação, carta, crônica, etc...), a finalidade do autor é também do público a que se destina. De um modo ge-

ral, há regras básicas que devem nortear a elaboração de uma redação.

Escolhido o tema da redação e de posse de maior número de informações sobre o mesmo, o aluno deverá selecionar as idéias que servirão para o início da redação, as que serão encaminhadas mais detidamente no desenvolvimento e as que irão concluir o assunto.

Embora não se pregue a meticulosidade ao seguir um plano de redação, o essencial é que na composição haja um movimento progressivo, sem muitas repetições ou quebra do assunto.

Um tipo de exercício que apresentou resultados positivos (até com alunos de segundo grau) é o das redações fragmentadas que, nas primeiras composições, e, como treinamento, desperte no aluno um assunto qualquer, fixa um ponto intermediário para o desenvolvimento do tema e traz de volta o aluno para a conclusão final. Esse tipo de atividade, dirigida, impede que o redator se perca em considerações desnecessárias ou, simplesmente, se afaste do assunto. Como acontece com outros exercícios, a aplicação deste tipo de redação deve ser dosada para evitar a monotonia ou automatismo do aluno ao tratar certos temas.

Redações a partir de títulos: as idéias se prestam mais a alunos de segundo grau, cuja capacidade de abstração é maior.

QUANTO À CORREÇÃO

Um dos grandes problemas quando se trata de redação é o que diz respeito à correção.

As dificuldades surgidas quando se corrige um trabalho são tantas que levam o professor a aumentar o espaço entre uma redação e outra.

A utilização de códigos de correção nem sempre é produtiva, levando-se em consideração o pouco tempo e disponibilidade do aluno, geralmente apressado e não tão minucioso.

Só a correção sistemática dos erros de grafia, pontuação, organização de frases, coerência, etc., não é o suficiente. É importante que o aluno retome o seu trabalho e o refaça, procurando melhorar aqueles aspectos onde foi mais evidente a falha.

A correção feita pelo aluno, com o auxílio de dicionários, gramática ou livro-texto é o mais aconselhável, pois a reelaboração dos períodos, a atualização dos termos e suas grafias, o emprego adequado de sinônimos em lugar de chavões, etc., só virão em benefício do aluno.

Outro aspecto a considerar na correção é o que diz respeito à imaginação criativa do aluno, cujas expressões, muitas vezes, desafiam alguns padrões mas de tal riqueza que deve ser apreciada. Cabe ao professor, neste processo, facilitar a liberdade de expressão e pensamento do aluno e tentar "despertar" o pensamento que cochila em todo homem.

Segundo Samir M. Curi, "todos os homens, em diferentes graus, possuem capacidade para escrever, mas as diferenças entre eles são quantitativas e não qualitativas.

TÉCNICAS:

Quanto à aplicação da técnica, descreve-se a seguir técnica utilizada em sala de aula, com 8.ª série de 1.º grau, cuja autora obteve resultados positivos na prática da redação:

- a) o incentivo principal para o aluno foi leitura de jornal;
- b) a escolha dos títulos teve para objetivo a seleção de assuntos polêmicos, vivenciais dos alunos, crônicas esportivas;
- c) após a seleção dos temas, foi proposto um debate e exposição oral em sala de aula, onde cada aluno comentava rápido e informalmente sobre o que havia lido;
- d) foi dado um roteiro-sugestão para o aluno identificar o desenvolvimento lógico, estilo, organização de frases, vocabulário atuante e adequado, emprego de neologismos, pontuação, acentuação, etc....

Etapas:

- 1.º — leitura oral
- 2.º — Estudo do vocabulário.
- 3.º — Interpretação.
- 4.º — Parte redacional.

e) Redações feitas em sala de aula, com consulta a dicionários, gramáticas e orientação dos professores. Devido à exiguidade do tempo, somente uma quarta parte da turma pode se manifestar.

Ao mesmo tempo, em outra sala, foi trabalhado textos do livro de Criatividade de Samir M. Curi.

A utilização desses processos desinibiu muito os alunos, que no início do ano apresentaram resistência à Redação; alguns alunos manifestam-se, informando que desde a quinta e sexta séries não faziam redação em aula, alguns acabaram confessando que as redações feitas em casa eram elaboradas por outras pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da Redação constituiu sempre um dos problemas mais sérios para o professor de Português.

É uma tarefa ingrata, à qual o professor desempenha gratuitamente, pois os estabelecimentos de ensino só remuneram o ensino ministrado "in loco", não levando em conta o trabalho oculto e obscuro da "correção de Redações", trabalho, além de tudo, exaustivo, monótono e enervante.

Tratando-se de redação, deve-se levar em conta os dois aspectos básicos, aluno, professor, suas disponibilidades, seus anseios, suas experiências, suas metas.

Perante o desafio do ensino de massa, a redação sofreu um retraimento. O professor, com baixa remuneração, atendendo vários colégios, foi, aos poucos, abandonando o hábito da prática da redação na sala de aula, devido à impossibilidade de dedicar-lhe o tempo necessário para a correção honesta.

Por sua vez, o aluno, vítima de um contexto social veloz e inconstante em seus valores, parou de pensar, de elaborar conceito do mundo em que vive, criou uma linguagem pobre e própria, mas que satisfaz sua necessidade de comunicação, já bastante carente.

Aliado a tudo isso, vivemos uma era tecnológica que, aos poucos, vai anulando o pensador, o filósofo, o poeta, o escritor.

Temos, então, a expressão com pouca expressão, querendo exprimir muito com quase nada, uma época em que as palavras vão sendo sepultadas pela maioria, com a revolta de uns poucos, que tentam mostrar ao homem que ele só se perpetuará através delas.

A nós, professores, fica esta missão de tornar competentes nossos alunos, no sentido de revalorizar esta herança que, aos poucos, vai sendo esquecida: "a arte de escrever".

BIBLIOGRAFIA

- 1 — CLEMENTE, Elvo Ir. & LONGHI, Ir. Malnar. *Letras de Hoje*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, setembro/76, Porto Alegre, 1976.
- 2 — CRUZ, Antonio da C. M. *Arte da Composição e do Estilo*. Rio de Janeiro, Vozes, 1967.
- 3 — GARCIA, Othon. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1972.
- 4 — GOES, Carlos. *Método de Redação*. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1961.
- 5 — GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. *Linguística e Ensino do Português*. Coimbra, Livraria Almedina, [s.d.]
- 6 — MARTINS, Dileta Silveira e ZILBERKNOP, L. Scilar. *Português — Instrumental*. 2. ed., Porto Alegre, Prodil, 1978.
- 7 — CURI, Samir M. *Redação Escolar: Criatividade*. Editora — "Discubra", Distribuidora Cultural Brasileira, São Paulo.
- 8 — MIRANDA, José Fernando. *Compreender e Expressar: roteiro para interpretação de textos*. Porto Alegre, Sulina, 1978.
- 9 — MORENO, Cláudio & GUEDES, Paulo Coimbra. *Curso Básico de Redação*. Porto Alegre, Audípel, 1977.
- 10 — SANTOS, Volnyr & CARVALHO, Adão. *Redação*. Porto Alegre, Editora do Professor Gaúcho, 1975.